esec
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Adriana Mateus Ferreira Santos

Relatório Final

À redescoberta do espaço exterior

Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Vera Maria Silvério do Vale

Coimbra, junho de 2017

esec
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Adriana Mateus Ferreira Santos

À redescoberta do espaço exterior

Relatório Final em Educação Pré-Escolar, apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri:

Presidente: Professora Doutora Ana Coelho

Arguente: Professora Doutora Aida Figueiredo

Orientadora: Professora Doutora Vera do Vale

Agradecimentos

A todo o corpo docente da ESEC pela partilha de conhecimentos e experiência ao longo destes anos de formação. Em especial, à Professora Doutora Vera do Vale por todo o apoio, orientação e disponibilidade durante todo o percurso deste trabalho.

À instituição que tão bem me acolheu, à educadora cooperante e ao grupo de crianças da "sala amarela" por todos os ensinamentos, desafios, sorrisos e brincadeiras.

Aos meus pais, por todo o carinho, pela motivação ao longo deste percurso académico e pela grande oportunidade que me deram. Obrigada por me deixarem voar!

Aos meus familiares e amigos, por toda a força e por todos os momentos felizes de descontração.

À Filipa Santos pela nossa amizade e por todas as palavras de conforto e de incentivo ao longo destes anos de formação. Bem como às nossas restantes parceiras, por todos os momentos que passámos juntas nestes anos de vida académica. Obrigada meninas!

A Coimbra, por todos os momentos felizes, pelas amizades e experiências. Obrigada por me ter ensinado o significado da palavra "saudade"!

A todos, o meu mais sincero obrigada!

Relatório Final: À redescoberta do espaço exterior

Resumo: Há cerca de duas décadas um dos espaços prediletos das crianças para brincar era o espaço exterior. No entanto, verificamos que nos últimos anos, são poucos os momentos das crianças passados no exterior devido a vários fatores.

Neste Relatório, é feita primeiramente uma breve contextualização da instituição, onde foi realizado o estágio e do respetivo itinerário formativo. Serão ainda apresentados dois temas chave: a *importância de brincar* e o *brincar no exterior*, bem como o método utilizado para analisar este dois temas, a *abordagem mosaico*.

Ao longo de todo o trabalho é privilegiada a reflexão. Assim sendo, este trabalho será uma análise crítico-reflexiva da iniciação à prática educativa, uma vez que, a reflexão é um ponto basilar para a formação/vida profissional de qualquer educador/a.

Palavras-chave: Espaço exterior; Brincar; Abordagem Mosaico; Pré-escolar.

Final Report: Rediscovering the Outdoor Space

Abstract: About two decades ago one of the favorite spaces for children's to play was the outdoor space. However we note that in recent years, there are few children's who past just a few moments in outdoor spaces, due to several factors.

In this report is made firstly a contextualization of the institution where the internship occurs and its formative itinerary. Will be presented two key themes: *the value of play* and *outdoor play*, as well as the method used for analyze these two themes, the *mosaic approach.*

Throughout the work we privileged the reflection. Therefore, this work will be a critical-reflexive analysis of the initiation to the educational practice, once the reflection is a basic point for a formation/professional life of any educator.

Keywords: Outdoor spaces; Play; Mosaic Approach; Kindergarten.

Sumário

INTRODUÇÃO 3
PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO 5
1.Enquadramento do estágio 7
1.1.Caracterização do grupo 8
1.2.Organização do Tempo 9
1.3. Organização do espaço 10
PARTE II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO 13
2.1. A importância do brincar 15
2.2. Brincar no espaço exterior 19
PARTE III - METODOLOGIA 25
3.1. Enquadramento conceptual e metodológico 27
3.2. Objetivos do estudo 29
3.3. Participantes 29
3.4. Metodologia 30
3.5.Procedimentos de recolha de dados e tratamento dos dados 30
3.5.1.Triangulação de dados 31
3.6. Apresentação e discussão de dados 31
CONSIDERAÇÕES FINAIS 43
REFERÊCIAS BIBLIOGRÁFICAS 49
ANEXOS 56
APÊNDICES 59

Sumário de Anexos

Anexo I – Consentimento Informado

Sumário de Apêndices

Apêndice I – Transcrição da entrevista com a criança "C."

Apêndice II – Transcrição da entrevista com a criança "A."

Apêndice III – Transcrição da entrevista com a criança "G."

Apêndice IV – Transcrição da entrevista com a criança "L."

Apêndice V – Transcrição da entrevista com a criança "M."

Apêndice VI – Transcrição da entrevista com a criança "T."

Apêndice VII – Categorização dos dados obtidos nas entrevistas

Apêndice VIII – Mapas de Percursos "Onde mais gosto de brincar no JI?"

Apêndice IX – Registos Fotográficos

Sumário de Figuras

Figura 1 – Mapa de imagens produzido por uma criança do estudo

Figura 2 – Desenhos das crianças sobre o local preferido

Figura 3 – Mapa do Percurso "C." – "Onde mais gosto de brincar no JI?"

Figura 4 – Mapa do Percurso "A." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 5 – Mapa do Percurso "L." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 6 – Mapa do Percurso "T." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 7 – Mapa do Percurso "M." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 8 – Mapa do Percurso "G." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 9 – Mapas de Percursos crianças "M." e "G."

Figura 10 – Mapas de Percursos crianças "A." e "T."

Figura 11 – Mapas de Percursos crianças "L." e "C."

Figura 12 – Realização do mapa de percursos "G."

Sumário de Quadros

Quadro n.º 1 - *Pergunta 7:* E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?

Quadro n.º2 - *Pergunta 8:* Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

Quadro n.º3 - *Pergunta 2:* O que gostas de fazer lá?

Quadro n.º4 - *Pergunta 4:* Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes?

Quadro n.º5 - *Pergunta 1:* Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?

Quadro n.º6- *Pergunta 3:* Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?

Questão n.º7 - *Pergunta 5:* Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?

Quadro n.º8 - *Pergunta 6:* Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?

Quadro n.º9 - *Pergunta 9:* Achas que devias vir mais vezes para o exterior?

Sumário de Abreviaturas

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

EPE – Educação Pré-Escolar

JI – Jardim de infância

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo a obtenção de grau de Mestre, e foi realizado no decorrer da unidade curricular de Prática Educativa Supervisionada em Educação Pré-escolar (EPE), no primeiro ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC).

Este estágio foi realizado num JI público, com um grupo de crianças heterogéneo, com idades entre os três e os cinco anos, em par pedagógico. Teve a duração de vinte semanas, sendo este realizado três vezes por semana.

O trabalho está dividido em duas partes, sendo a primeira referente à contextualização do estágio, bem como à caracterização da instituição, do grupo de crianças e do tempo. O estágio foi iniciado com um período de observação do contexto educativo, onde através da observação e da análise de documentos, recolhemos as informações necessárias para esta primeira parte do relatório. De seguida, existiu uma segunda fase, a entrada progressiva na atuação prática, ou seja, a realização de atividades pontuais e por fim a terceira fase onde decorreu o desenvolvimento das práticas pedagógicas e a implementação e desenvolvimento de um projeto pedagógico levado a cabo de acordo com os interesses do grupo.

Através deste itinerário fomos realizando, sempre que possível, atividades no exterior, o que nos permitiu identificar algumas características/potencialidades deste espaço. Também a escuta das diversas opiniões das crianças acerca do exterior, nos indiciou a realização da investigação, levada a cabo nas últimas semanas de estágio utilizando para isso a Abordagem Mosaico.

Na segunda parte deste relatório apresentamos o enquadramento teórico, onde consta a revisão de literatura sobre a problemática encontrada, nomeadamente: a *importância de brincar*, o *brincar no exterior* e também sobre a metodologia utilizada a *abordagem mosaico*. Após esta revisão, encontramos todo o desenrolar da utilização desta abordagem e dos seus resultados.

Por fim, temos as considerações finais onde fazemos uma análise crítico-reflexiva sobre a utilização da metodologia, do exercício investigativo e do impacto das informações recolhidas para a futura prática profissional.

É de salientar que não são utilizados os nomes de nenhum elemento presente neste exercício investigativo (educadora, auxiliares e crianças), de modo a preservar o seu anonimato.

Pretendemos com este relatório relembrar famílias/cuidadores/profissionais educativos, das qualidades e potencialidades que o espaço exterior tem para as crianças e para o seu desenvolvimento/aprendizagens, e de como é bom poder usufruir deste espaço tão rico, cheio de experiências e descobertas para as crianças.

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

1.Enquadramento do estágio

Em conformidade com a Lei-Quadro nº 4/97 de 10 de Fevereiro, a educação pré-escolar destina-se a crianças com idades entre os três anos e a idade de ingresso no ensino básico, a fim de promover a formação/aprendizagem e desenvolvimento da criança - pois estes dois fatores são indissociáveis -, como ser autónomo, livre e solidário, sendo esta a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida. Esta etapa surge como complemento da ação da família e nunca como substituto desta, pretende-se fornecer à criança todas as bases necessárias para um desenvolvimento harmonioso e equilibrado e os valores necessários para a sua vida adulta, uma vez que não se pretende apenas a aquisição de conhecimentos mas também de "Atitudes, disposições e saberes-fazer" como é indicado nas OCEPE (2016, p. 31). Ainda de acordo com a Lei - Quadro n.º4/97 de 10 de Fevereiro, a frequência da educação pré-escolar contribui para a igualdade de oportunidades no acesso à escola, procede ao despiste de inadaptações e desperta a curiosidade e pensamento crítico da criança, ou seja, existe todo um conjunto de benefícios, se forem bem desempenhados pelo/a educador/a em sintonia com a própria família da criança, para a frequência desta em espaços de educação formal.

De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Crianças (UNICEF, 1989), a educação é um dos seus direitos fundamentais reconhecidos, tendo como objetivos base o desenvolvimento da criança, inculcar na criança o sentimento de respeito, compreensão e igualdade, e promover o respeito da criança pelo meio ambiente. Sobre esta convenção existem quatro pilares fundamentais que asseguram todos os restantes direitos, no entanto, apresentamos maior destaque (sem menosprezar os outros dois pilares) o interesse superior da criança, ou seja, em todas as decisões do adulto esta deverá ser a sua prioridade principal e o direito da opinião da criança, ou seja saber ouvir o que ela nos tem a dizer e ter essa opinião em consideração na decisão final.

Neste sentido, cabe ao/a educador/a o reconhecimento de que a criança é o principal agente da sua aprendizagem, de acordo com Silva *et al.*, (2016), é

também um sujeito ativo, dinânico e com agência. É da competência do/a educador/a estimular e apoiar o desenvolvimento da criança, partindo da sua curiosidade natural, do seu meio envolvente e das suas interações; bem como a adoção de práticas diferenciadas, uma vez que todas as crianças são diferentes e o/a educador/a deverá responder adequadamente às características individuais de cada criança, a fim de "Proporcionar a todas e a cada uma das crianças" (Silva *et al*., 2016, p. 10) um ambiente estimulante, seguro e inclusivo para o desenvolvimento e aprendizagem.

De modo a intergrar todos os/as alunos/as no mundo do trabalho, para que consigam alcançar uma melhor percepção de como este funciona, das várias realidades existentes no mundo da educação, surge o estágio curricular.

Nestes estágios é pretendido que os/as alunos/as observem e recolham informções sobre a instituição e de toda a comunidade educativa, que observem as diferentes práticas que diferem de profissional para profissional, que analisem e reflitam sobre estas e que guardem para o seu futuro profissional as melhores práticas. Este estágio em específico teve uma duração maior e pretendeu-se que os/as alunos/as praticassem, ou seja, inicialmente que realizassem atividades pontuais e gradualmente que tomassem a responsabilidade por todo o grupo de crianças, bem como pelas planificações e atividades realizadas.

1.1.Caracterização do grupo

O grupo é constituído por vinte e quatro crianças, sendo nove meninas e quinze meninos. É um grupo de idades heterogéneas (dos três aos seis anos), onde sete crianças frequentam o JI pela primeira vez, 50% do grupo está inserido na faixa etária dos 3-4 anos e os restantes elementos na faixa etária dos 5-6 anos. Existe neste grupo uma criança com NEE com seis anos de idade, e o grupo é gerido por uma educadora que por sua vez tem assistência de uma auxiliar de ação educativa, em regime de rotatividade.

Este grupo caracteriza-se por ser muito participativo e observador, gosta de novas experiências, de atividades que saiam da rotina, especialmente se forem ao ar livre. As crianças com idades entre os 4-6 anos deste grupo têm preferência por novas experiências e atividades de expressão plástica, já as crianças de três anos os seus maiores interesses são o jogo dramático, pinturas e também atividades de expressão plástica.

Por vezes o funcionamento do grupo vai-se alterando consoante as observações realizadas pela educadora, bem como as diferenças individuais de cada criança e as suas respetivas necessidades, de modo a que a educadora consiga acompanhar todas as crianças de uma forma mais individualizada.

1.2.Organização do Tempo

A componente letiva inicia-se às 9:00h com o momento do bom dia e de reunião, onde a educadora reúne com as crianças e dialogam sobre o que irão realizar nesse dia. De seguida, a educadora conta uma história, debate em conjunto com as crianças a história e organiza o grupo (individual, pequenos grupos ou em grande grupo e por espaços) para iniciarem as atividades do dia (atividades, brincar, expressão motora…), por volta das 10:30h as crianças vão lanchar com a educadora e quando existem condições meteorológicas favoráveis (sol, clima ameno…) as crianças vão cerca de vinte minutos para o espaço exterior ou então vão para o espaço da componente de apoio à família (CAF). Às 11:00h as crianças regressam à sala para continuarem as diversas atividades.

Ao meio dia, as crianças vão almoçar e posteriormente vão para o espaço exterior (caso não esteja a chover ou muito frio) até às 13:30h. De seguida regressam à sala, onde a educadora volta a reunir o grupo e falam sobre o que já realizaram e o que falta realizar nesse dia. Por vezes neste momento a educadora canta um pouco com as crianças ou lê uma história. Terminada a reunião a educadora volta a organizar todo o grupo por espaços/atividades, onde as crianças podem também se ir

organizando entre si até às 15:00h, após este horário as crianças vão com a educadora lanchar e brincar no exterior até às 15:30h, hora de término da componente letiva.

Por norma, esta é a rotina pedagógica do grupo e deste modo as crianças conseguem prever o que irá acontecer num determinado momento bem como, saber o que podem fazer em determinados momentos do dia.

1.3. Organização do espaço

A instituição que nos acolheu para a realização deste estágio, foi um JI público situado em Coimbra. Quanto à sua construção, este edifício tem uma estrutura antiga, com um traço muito próprio e apresenta quatro andares. Quanto ao seu espaço exterior, tem um campo amplo onde as crianças podem correr e brincar, tem alguns brinquedos de plástico já um pouco envelhecido, uma área de terra, árvores e horta que está restrita às crianças (só podem frequentar este espaço com a autorização/supervisão de um adulto). Recentemente foi inaugurado no exterior, uma estrutura em metal e madeira, que permite às crianças treparem, ter acesso a um escorrega e a uma pequena casa.

Quanto à sala do grupo de crianças, denominada "sala amarela", esta apresenta uma estrutura pouco ampla e condicionada, uma vez que não permite ao adulto ter um ponto de observação sobre toda a sala. A sala possui as áreas tradicionais de um JI, a área do faz de conta, dos jogos de mesa, das construções, dos carros e das pinturas. Os brinquedos/ jogos encontram-se um pouco antiquados, existem mesas e cadeiras de apoio às diversas atividades e brincadeiras. As paredes encontram-se com desenhos das crianças e alguns resultados de atividades que foram realizadas na sala, o que permite comunicar com as famílias sobre o que está a ser ou que foi feito ao longo dos dias/semanas bem como relembrar alguns momentos com as crianças.

Posteriormente adicionámos uma nova área – decidido em grupo -, a área verde (que serve de suporte à horta do exterior), tal como é indicado nas OCEPE

(2016), a aprendizagem e a progressão do desenvolvimento das crianças, bem como os seus interesses ao longo do ano, vão levando à inserção de novos espaços na sala de atividades.

PARTE II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. A importância do brincar

As concepções sobre a criança foram-se alterando com a evolução da sociedade ao longo dos anos. A concepção mais antiga segundo Conrad (2000 citado por Moura, Viana, & Loyola, 2013) é de Aristóteles, sendo que, este considerava a criança como incapaz de utilizar o seu pensamento e que considerava a infância como algo maléfico "Uma doença que requer cuidados especiais e educação no futuro, sendo a criança incapaz e inoperante" (Moura, Viana, & Loyola, 2013, p. 476). Já na Idade Média, a criança é vista com um "homem em miniatura" (Kishimoto, 1994, p. 109) em que não havia cuidado, nem noção das características individuais de cada criança.

Na Modernidade, começamos por encontrar mudanças sobre a concepção da infância, no sentido, que a criança passa a ser reconhecida como uma "entidade separada" (Moura, Viana, & Loyola, 2013, p. 477) ou seja, um grupo separado do mundo adulto, no entanto no século XVI as brincadeiras/jogos das crianças não diferem das dos adultos. No fim do século XVI, através de uma doutrina moralista e religiosa, a visão sobre a infância altera-se e começa-se a respeitar a criança e todas as suas individualidades, surge então o sentido da inocência infantil, com o intuito de preservar a criança dos maus ambientes/valores/hábitos da sociedade e preservá-la, devolvendo assim, o seu carácter e a razão passando a criança a dotar de um valor positivo e não negativo como era vista anteriormente (Ariès, 1975, citado por Moura, Viana, & Loyola, 2013). O brincar passa deste modo a ser visto como uma conduta livre que leva ao desenvolvimento da inteligência (Kishimoto, 1994).

Com o século XIX surge uma forte influência da Biologia na Psicologia da Infância e segundo Groos (1901, citado por Kishimoto, 1994), o jogo/brincar é visto como algo natural para a criança, um instinto. No século XX, Piaget (1978/1977, citado por Kishimoto, 1994), apoiado, em parte, no referencial de Escola Nova de Claparède (1956), o brincar surge para revelar o nível de desenvolvimento cognitivo da criança uma vez, que a criança ao manifestar a conduta lúdica do brincar "Apenas demostra o nível dos seus estágios cognitivos" (Kishimoto, 1994, p. 123) .

Para Vygostky o brincar é essencial para a vida da criança, uma vez que nesta atividade ela consegue raciocinar/agir de um modo mais complexo visto que está a realizar uma atividade considerada normalmente como prazerosa. Neste sentido, surge o conceito de ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), ou seja, através do brincar a criança consegue em colaboração com o/a educador/a ou mesmo com os pares, atingir um nível superior do seu conhecimento; a esta distância/processo que vai desde o conhecimento inicial da criança até ao patamar seguinte do conhecimento, o autor denominou de ZDP. Para o autor, o brincar, proporciona também às crianças várias situações imaginárias que contribuem não só para o seu desenvolvimento cognitivo e evoluções psíquicas como também para uma maior facilidade de "Interação com as pessoas, as quais contribuirão para um acréscimo de conhecimento" (Rolim, Guerra, & Tassigny, 2008, p. 179) assim sendo, o brincar é construído como um resultado de processos sociais (Kishimoto, 1994) uma vez que, a interação permite a aquisição de conhecimentos por parte da criança sobre o mundo que a/o rodeia e deste modo irá estar representado no brincar (ações/expressões do seu quotidiano; valores…).

Com uma visão mais recente, Bruner (citado por Kishimoto, 1998, p.15) vê o brincar como uma forma de combater a rigidez dos "Padrões de comportamentos sociais das espécies." sendo que, o brincar permite à criança a oportunidade de explorar objetos/movimentos/ações, de aprender e de solucionar por si mesma problemas. Para Bruner o brincar estimula a criatividade e conduz à descoberta de regras, permitindo assim à criança descodificar os vários contextos existentes ao seu redor e a aprender a comunicar, uma vez que através do brincar com os pares/família, a criança interage o que serve de "microcosmo para a comunicação" (Kishimoto, 1994, p. 124).

Compreendemos também, que cada cultura tem uma maneira diferente de olhar para a criança. Assim sendo, a fim de reconhecer de forma universal a criança como um ser de direitos e dignas de respeito, a Organização das Nações Unidas (1959) advoga através da Declaração dos Direitos da Criança, que a criança "Deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as

autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos." (princípio 7.º). Posteriormente a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), vem homologar à criança o pleno direito " Ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística." (UNICEF, 1989, p. 22).

Através das alterações ocorridas nas últimas décadas constatamos uma alteração significativa sobre o brincar. Uma das grandes razões passa pela alteração dos hábitos da vida quotidiana das famílias, que acabam por metamorfosear os ritmos e as rotinas das crianças (Neto, 2001), bem como as inseguranças dos adultos ao seu redor - o acréscimo dos acidentes com crianças que andam na rua, o receio de predadores sexuais, o receio de rapto, o receio de ferimento… (Ferland, 2006), tornando assim o ambiente de crescimento da criança mais complexo e estruturado, comparativamente às décadas anteriores.

Por sua vez, os brinquedos também se alteraram, uma vez que se tornaram muito mais sofisticados/tecnológicos. Verificamos também uma mudança nos espaços para brincar, sendo que nas décadas passadas a grande maioria das crianças brincava nos espaços exteriores e hoje em dia as crianças passam muito mais tempo em locais fechados como em casa ou na creche/JI a brincar. No entanto, também em JI se verificam alguns obstáculos ao brincar, sendo que "É deixada pouca latitude às crianças, poucas iniciativas são encorajadas e os objetivos específicos de aprendizagem são numerosos" (Ferland, 2006, p. 38), fazendo com que o brincar se transforme mais num meio de entretenimento e controle por parte dos/as educadores/as do que propriamente como meio mais prazeroso e estimulante de aprendizagem e desenvolvimento para a criança, transformando os JI em pequenas escolas.

Partindo destas problemáticas, assistimos ao crescente número de educadores/psicólogos/pedagogos/investigadores preocupados com este novo rumo do brincar. Este é uma atividade espontânea que surge a qualquer momento do dia-a-dia da criança, que se inicia e termia quando esta o quiser. O brincar é uma ação conduzida pela criança, que não exige dela um resultado final.

Para Kishimoto (2010) o brincar é a principal atividade do quotidiano das crianças e uma das mas importantes uma vez que:

> Dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar a sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. (Kishimoto, 2010, p. 1)

O brincar torna-se uma fonte de infinitas descobertas, como refere Ferland (2006) é uma atividade que passa de geração em geração e permite à criança a aquisição de regras, costumes e valores que dirigem a sociedade onde a criança se encontra inserida, bem como a descoberta do mundo que a rodeia. A criança ao brincar consegue desenvolver várias competências/atitudes que irá utilizar ao longo de toda a sua vida, ou seja, "Garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade." (Kishimoto, 2010, p. 1) e "Através da brincadeira a criança treina-se para a vida real." (Ferland, 2006, p. 43). Para Neto (2007) o jogar/brincar é um meio conduz ao desenvolvimento cognitivo da criança, pois através do brincar a criança realiza novas descobertas, resolve problemas, aumenta a sua capacidade verbal e de processar informações, bem como o aumento das suas habilidades manipulativas/motoras. Através do brincar o adulto, consegue também observar a criança num dos seus níveis de mais envolvimento e constatar quais são os seus interesses, ideias e preocupações (Pound, 2014).

Ser espontanêo, curioso, ter liberdade de decisão, ter vontade de arriscar são algumas das características que definem a criança ao brincar, de acordo com Rosa (2013). Estas caracterísicas empregam-se tanto no brincar livre – a criança decide por si mesma ao que/como/onde/com quem quer brincar – como no brincar estruturado – por norma é liderado por um adulto, apresenta regras específicas. Segundo Hoffman, (1997 citado por Rosa, 2013, p. 7) no brincar estruturado "Os adultos regulam totalmente as interações sociais entre as crianças.", ou seja a criança está condicionada à imposição do adulto, tendo apenas liberdade de escolha no desenrolar do brincar se, se encontrar motivada a brincar no espaço imposto, o mesmo acontece

quando a criança joga algum jogo com outras crianças (escondidas, jogo do lencinho…).

Em suma, pudemos reconhecer o brincar como a principal atividade da infância e que deveria ser mais valorizada tanto por educadores como por familiares/cuidadores. É certo que com a rotina e compromissos do dia a dia nos falte a paciência, para entrarmos em momentos de brincadeira com as crianças, mas seria benéfico não só para as crianças como para nós adultos entramos nestes momentos, não só para desfrutarmos deste tempo com as crianças, mas também para relaxarmos e entendermos o verdadeiro significado do brincar e a importância dele. Salientamos também que, cada educador tem presente na sua prática a sua intencionalidade educativa e que se torna também importante, refletirmos sobre a influência do adulto no brincar com a criança. Como refere Fromberg (1987):

> É preciso que um número mais alargado de adultos seja alegre e brincalhão quando trabalha com crianças pequenas, e esteja pronto a aceitar alguma ação inesperada e uma qualquer alternativa aos seus propósitos com um bom humor e paciência. Fromberg (1987 citado por Hohmann & Weikart, 1997, p. 88)

2.2. Brincar no espaço exterior

Se fizermos uma breve análise à nossa infância, vamos constatar várias diferenças sobre as brincadeiras e sobretudo os locais de brincadeira. Um dos locais de eleição das crianças, nas décadas passadas era o espaço exterior, no entanto, assistimos a uma espécie de extinção, como refere Neto (2007), há negligências das qualidades deste espaço para momentos de brincadeira e aprendizagem (Fjørtoft, 2004).

Hoje vivemos na chamada “cultura do medo” (Bento & Dias, 2017, p. 2), onde a insegurança por parte dos adultos, o receio das crianças se magoarem; a aversão ao perigo; a aversão à sujidade (…) e tantas outras justificações servem para excluir as idas ao exterior do quotidiano das crianças. Seja no JI, ou em casa com os seus familiares/cuidadores cada vez mais, o tempo passado no exterior é reduzido.

Vivemos num mundo cada vez mais materialista e sedentário, levado pelo facilitismo das tecnologias e do consumismo frenético. Torna-se muito mais fácil e prático colocar as crianças à frente de uma TV/*tablet* com vídeos e jogos sobre os animais/as paisagens/os vários fenómenos que ocorrem no exterior, do que levá-los ao exterior e mostrar às crianças a verdadeira vida real. Não queremos com isto dizer, que estas ferramentas não sejam úteis para as crianças, porque o são, vivemos na era da tecnologia, no entanto, nos dias que decorrem ficamo-nos apenas por aí…

Assistimos a um estímulo ocasional, a momentos organizados e estruturados, onde as consequências são cada vez mais visíveis: a redução da autonomia da criança, que leva a implicações no desenvolvimento motor/emocional/social, como nos indica Neto (2007; Wetton, 2004); a correria do dia-dia; a inserção das crianças em atividades extracurriculares excessivas; a visão desprezada sobre o brincar pela maior parte dos adultos… Tudo leva à redução do brincar, e quando brincam passam esse momento em locais fechados, o que de acordo com Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) está incorreto, uma vez que as crianças necessitam de viver uma diversidade de experiências, que surgem através do "acesso a espaços plurais como espaços na natureza, espaços na comunidade, espaços no centro, ligações entre o centro e os contextos familiares" (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 17), é preciso deixar as crianças explorarem os vários espaços ao seu redor, para que consigam descobrir por si mesmas, conhecer o mundo que as rodeia e fazer parte desse meio/comunidade.

Para Neto (2001), o brincar no exterior é para a criança um "Tempo espontâneo, do imprevisível, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural" (Neto, 2007, p. 1). Aqui a criança realiza inúmeras descobertas, encontra e brinca com outras crianças, inventa novos jogos, vive aventuras, encontra desafios, ultrapassa obstáculos/dificuldades/perigos, desafia-se a si mesma (Coelho *& al.* , 2015)! A criança ao brincar no exterior tem oportunidades de promover a sua imaginação, criatividade, as suas competências sociais e a oportunidade de aprender/modelar os seus comportamentos (Parsons, 2011). Encontramos também benefícios para as crianças mais tímidas, que muitas vezes no interior se reservam ou não brincam com determinadas crianças. O espaço exterior permite que as crianças

que "São sossegadas e envergonhadas no interior ficam frequentemente mais conservadoras e aventureiras quando no exterior." (Hohmann & Weikart, 1997, p. 433), uma vez que neste espaço há mais oportunidades para que elas possam movimentar-se e brincar livremente, possam fazer as suas próprias escolhas, o que as deixará mais à vontade para exploarem os espaços, novas brincadeiras e criarem uma maior ligação com os pares.

Para o centro Learning Through Landscapes (2014), o espaço exterior visa vários beneifícios para as crianças, desde o desenvolvimento e a estimuação de uma vida saudável e de bem estar uma vez que, se neste espaço as crianças têm uma maior quantidade de ar, estão expostas aos raios de sol e aos restante elementos da natureza (Bilton, 2010), têm um maior espaço para se movimentarem e um nível de atividade mais ativo, do que no espaço interior "Even with open windows and doors 25% more oxygen is avaiable in the air outrdoors." (Landscapes, 2014, p. 3); o desenvolvimento do sentimento de segurança, como enfrentar os perigos, aprender sobre segurança, adquirir a confiança necessária para arriscar, ou seja a "Sensibiliação das crianças para os cuidados com a saúde e com o corpo e para a prevenção de acidentes", como está previsto nas OCEPE (2016, p. 91); outro benefício será as descobertas que as crianças irão realizar através das experiências e observação dos vários elementos da natureza, que as levarão a novos conhecimento, habilidades e competências, resultando no desenvolvimento da consciêncialização sobre o papel de cada um de nós para a presevação do ambiente e dos seus recursos, segundo as OCEPE (2016). Desenvolve na criança a confiança, o sentimento de participação e contribuição, sendo que no espaço exterior as crianças são encorajadas a tomar decisões por si mesmas, a resolverem os seus problemas e a pensarem de modo criativo; também a brincar neste espaço as crianças desenvolvem competências para a sua vida e passam também a fazer parte da comunidade, ou seja, a pertença positiva (Silva *et al.*2016), a criança participa, está envolvida com/conhece a sua comunidade onde reside, o que gera também uma maior desenvolvimento da autonomia da criança e a aquisição de uma maior independência de mobilidade (Neto & Malho, 2005).

Através da enumeração destes benefícios, compreendemos que este espaço é também um local de qualidade tanto para aprendizagem como para o desenvolvimento das crianças, como nos indica Froebel (citado por Pound, 2014). De acordo com Wetton (2004) existem vários estudos de carácter observacional, que nos alertam para a necessidade de as crianças se poderem movimentar livremente, de poderem correr pelos diferentes espaços, poderem brincar de um modo mais barulhento e vigoroso, aqui têm também a oportunidade de brincar com vários elementos da natureza a relva, a areia, a lama, as pedras, os trocos (…), materiais naturais que se tornam aliados nas várias brincadeiras (Fjørtoft, 2004), um local rico em experiências sensoriais e liberdade (Parsons, 2011).

Bento e Dias (2017) referem um estudo recente realizado em (2016), sobre as idas ao espaço exterior de quatro JI em Portugal alertando para o número reduzido de idas ao exterior (em especial no inverno) e no tempo reduzido que as crianças passam neste espaço (16-30 minutos diários), o que é um tempo muito reduzido para que as crianças usufruam dos benefícios deste espaço, uma vez que a recomendação é de no mínimo 40 minutos diários. Em contrapartida, temos também o exemplo dos países nórdicos como a Noruega, em que o tempo de permanência no espaço exterior em jogo livre é de duas a seis horas por dia apenas no inverno, sendo que, no verão é superior a seis horas, como referem os estudos de Moser e Martinsen (2010), citados pela investigadora Aida Figueirdo (2015, citado por Oliveira, 2015). São valores muito discrepantes que sem qualquer dúvida, nos fazem refletir sobre as nossas práticas, tendo sempre salvaguardado as realidades sociais e culturais vividas em cada um dos países.

Não há que ter receio das condições meteorológicas, temos o exemplo das *Nature Kindergarten*, que se expandiram na década de 90 na Escandinávia (Blackwell, 2015; Muñoz, 2009) em que as crianças com condições mais adversas (chuva/neve/frio) vão para o exterior devidamente equipadas, que permite às crianças criarem mais defesas, é uma prática saudável. Como refere Cordeiro (2010) são os momentos de transição (sair do exterior para o interior) que causam a susceptibilidade à doença, se tivermos todas as condições necessárias (como manter a criança quente e secar), ter equipamento adequado, não há risco de as crianças

ficarem doentes por irem ao exterior com chuva, por exmplo. Tal acontece com os perigos e o risco de se magoarem no exterior, neste espaço as crianças aprendem a conhecer os perigos e os vários riscos, lidando com eles é um modo de a criança aprender estratégias para se proteger e a identificar os seus limites; é saudável e ajuda a criança a desenvolver a sua autonomia e contribui para o seu crescimento equilíbrado (Tremblay, et al., 2015).

Em Portugal, pouco a pouco começamos a observar algumas práticas inspiradas nas *Forest Kindergarten***,** como é o caso do Projeto Limites Invisíveis – Casa da Mata, situado em Coimbra. Este projeto é desenvolvido em complementaridade à oferta educativa formal e pretende promover experiências educativas na natureza, sendo que a abordgagem utilizada sobrevém através dos temas e problemas que surgem das experiências das crianças com a natureza (Limites Invisíveis, 2017). Neste projeto podem participar crianças até aos dez anos, ou seja, abrange tanto crianças em idade pré-escolar como crianças que frequentem o 1.º Ciclo do Ensino Básico. É um projeto muito diferente do que estamos habituados a observar no nosso país. Aqui as crianças são realmentes livres, é lhes dado tempo e espaço, é lhes dado o verdadeiro poder de decisão e de descoberta, o adulto está apenas como observador, um "mero" guia que as acompanha e estimula à descoberta do mundo.

Todos nós temos receios, é normal, no entanto passa a não ser normal quando as crianças têm medo de colocar as mãos na terra, têm receio de se sentar na relva porque se vão sujar, têm receio de ir para a rua quando já choveu/chove (…) (Muñoz, 2009) é algo que, cada vez mais, nos deparamos nos diversos JI, porque os adultos passam estes receios para as crianças (Hanscom, 2015), tornando-as por vezes mais ansiosas com as idas ao exterior, o que é o sentimento contrário ao que deveriam, uma vez que está comprovado que as idas ao exterior diminuem os níveis de stress e contribuem para o aumento do nível de bem-estar da criança (Muñoz, 2009).

De acordo com Aasen e Waters (citado por Bilton, 2010) a aprendizagem envolve tanto componentes formais como informais, mas quanto mais nova for a

criança, mais importante se torna que as aprendizagens realizadas se efectuem de um modo mais informal, o mais natural possível, uma vez que estas aprendem através do brincar, da interação com os pares (socialização/negociação/resolução de problemas) das experiências e descobertas que realizam diariamente.

Por fim queremos apenas aferir, que não é uma questão de demonstrar que o espaço exterior é mais importante que o espaço interior, como afirma Bilton (2010), porque ambos são importantes para a criança e ambos tem os seus benefícios, mas sim relembrar todos os adultos pertencentes ao quotidiano das crianças (pais/cuidadores/educadores…) - porque é certo que estes viveram bons momentos nas suas infâncias de brincadeira livre no exterior - que o espaço exterior também existe, também tem as suas qualidades, também é local de aprendizagem e não há que ter medo em usá-lo, pois como afirma Aida Figueiredo (2015, citado por Oliveira, 2015) é necessário que os adultos reflitam sobre a sua ação, a fim de percebermos, se estaremos ou não a proporcionar oportunidades ricas para o crescimento harmonioso das crianças e se todo o nosso controlo estará mesmo a benefíciar as crianças.Há que redescobrir o exterior!

PARTE III - METODOLOGIA

3.Escutar a voz das crianças *(Abordagem Mosaico)*

3.1. Enquadramento conceptual e metodológico

Como já analisámos, ao longo dos tempos as concepções sobre a criança foram-se alterando, de acordo com a evolução da sociedade e do olhar desta sobre a infância e a criança. O mesmo aconteceu nas várias perspectivas sobre a investigação com crianças. Conforme nos indicam Christensen e Prout (2002), existem quatro perspectivas identificadas quanto à visão sobre as crianças na investigação, sendo as duas primeiras as mais tradicionais, que vê a criança como um objeto e não como ator social de direitos (baseado na dependência da criança), a terceira e quarta perspetiva mais recentes, vêm a criança como sujeito/ator social, que participa no processo de investigação, está envolvida, é informada, consultada e ouvida pelos inestigadores.

De acordo com James e Prout (1997, citado por Clark, 2007) a visão sobre as crianças na investigação nos últimos anos tem-se alterado passando a olhar para os grupos de crianças, não como pessoas que virão a ser, mas sim como pessoas que são, que têm ideias, pensamentos, direitos e vontades.

Deste modo Clark e Moss (2011) apresentam uma nova abordagem de investigação o *Mosaic Approach*, Abordagem Mosaico, que visa escutar a voz da criança reconhecendo as suas competências. Deste modo depreendemos, a influência da pedagogia da participação nesta abordagem.

A pedagogia da participação advoga portanto a agência "No sentido do poder que um indivíduo tem de agir em diferentes contextos estruturais de ação." (Vasconcelos, 2009, p. 27), e a participação de todas as crianças (igualdade de todos e inclusão de diversidades) (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013).

Evidenciamos que o papel do educador nesta pedagogia da participação, é ser participativo e competente, que apoia e encoraja as descobertas das crianças.

Clark e Moss (2005, p. 5) referem que a chave principal desta abordgadem é "competência" uma vez que, ela reconhece a criança como sendo coconstrutora de significados, capaz de comunicar através de várias formas, ser de direitos e *expert* da sua própria vida.

De acordo com Clark (2005), as características principais desta abordagem são este ser um multimétodo, ou seja, este reconhece/escuta as diferentes linguagens/vozes da criança, uma vez que recorre a vários tipos de comunicação (conversação, imagens, mapas, percursos…) (Clark, 2007); é uma abordagem participativa, através desta abordagem as crianças são tratadas como agentes da sua própria vida, reconhece as suas competências; é reflexiva, pois este método apresenta quatro etapas fundamentais – ouvir, observar, documentar e interpretar – o que leva a que todos os que colaboram reflitam e concebam novas questões; é adaptável, uma vez que pode ser utilizado em qualquer instituição educativa e em diferentes grupos de crianças; é focado nas experiências de vida das crianças, em vez das aprendizagens alcançadas ou dos cuidados recebidos; por fim, é incorporado na prática, sendo que neste método as opiniões de todas as crianças são a base de trabalho dos/as educadores/as.

A Abordagem Mosaico desenvolve-se em três fases, sendo a primeira e segunda fases marcadas pelo multimétodo , os métodos que esta utiliza são, segundo Clark e Moss (2011): as câmaras fotográficas, que permitem às crianças demontrarem os seus sentimentos ou informações que por vezes não conseguem transmitir, para além de poderem fotografar os seus locais prediletos. Os percursos que são geridos pelas crianças nos diferentes espaços da insituição. Os mapas produzidos pelas crianças que clarificam as prioridades da criança, servem de registo do percurso efetuado. A conferência, ou seja, a conversação em grande grupo, onde todas as crianças podem partilhar as suas opiniões e experiências. A dramatização (mais utilizado em crianças com idade inferior a dois anos), é caracterizada pela apresentação de figuras ou equipamentos. A observação e a documentação das várias informações ou seja, os registos das crianças e a observação qualitativa dos momentos que vão surgindo ao longo destes métodos. As entrevistas, são conversações informais a fim de conhecer melhor/entender alguns registos/pontos de

vista da criança (são realizadas a todas as pessoas envolvidadas – criança/família-cuidadores/auxíliares de ação educativa). Temos por fim a manta mágica, que é caracterizado por ser o momento de observação sobre todos os registos e de reflexão sobre os momentos mais marcantes para as crianças. Assim sendo, a primeira e segunda fase são fundamentalmente a reunião de todas as informações fornecidas por cada criança (a sua perspectiva) e adultos envolvidos. Já na terceira fase desta abordagem, com base em todas as informações recolhidas, é decidido o que será realizado, quais são as alterações que irão ocorrer num determinado espaço ou no JI.

3.2. Objetivos do estudo

Como é indicado no enquadramento da metodologia utilizada, a aplicação desta abordagem tem como objetivo central escutar as crianças, saber o que pensam sobre um determinado aspeto/tema. Neste estudo, pretendemos saber quais são as perspectivas das crianças sobre o espaço exterior, uma vez que, se tem verificado ao longo dos últimos anos uma redução do tempo passado neste espaço.

3.3. Participantes

Para o presente estudo, cada par pedagógico selecionou um grupo de crianças para o seu estudo (um sobre o brincar e o outro, sobre o espaço exterior, que irá ser apresentado em seguida). Assim sendo, selecionámos as crianças mais velhas deste grupo heterogéneo, explicámos-lhes o que iríamos fazer em cada estudo e cada criança selecionou o tema que mais gostou. Neste sentido, cada tema ficou inicialmente com sete participantes. Explicámos também que poderiam desistir a qualquer momento se assim o desejassem. Este estudo em concreto, começou inicialmente com duas meninas e cinco meninos, no entanto, após a primeira sessão, um dos meninos desistiu ficando assim o estudo com apenas seis participantes.

3.4. Metodologia

Sendo as questões éticas uma prioridade em todas as investigações, decidimos iniciar esta investigação com um consentimento informado à instituição, aos encarregados de educação e às próprias crianças (Oliveira-Formosinho, 2008). Elaborámos uma carta para cada encarregado de educação (ver anexo I), informando sobre todos os detalhes deste estudo, de modo a termos permissão de cada um destes.

3.5.Procedimentos de recolha de dados e tratamento dos dados

Quanto ao processo de tratamento e análise dos dados é um processo contínuo, referente ao registo, à organização, à análise, à seleção de dados, a fim de conseguirmos uma melhor estruturação de todas as informações obtidas, através dos diferentes meios.

Iniciámos a recolha de dados com uma conversa, informal e individual, com as crianças sobre os locais em que mais gostavam de brincar no JI, acompanhando a conversa com um passeio por esses mesmos locais.

As crianças partilhavam connosco algumas informações relativamente ao local e foram fotografando cada um dos seus sítios preferidos para brincar.

De seguida, cada uma selecionou os seus locais preferidos e as melhores fotografias, para que posteriormente pudessem construir o mapa do seu percurso (ver anexo VIII).

Seguidamente realizámos uma pequena entrevista semiestruturada com cada criança. Fomos para o exterior, para um lugar escolhido por ela, deixando-a o mais confortável possível, no intento de esta partilhar connosco as suas perspetivas sobre o espaço exterior, partindo do seu mapa de imagens. Ao longo desta conversa as crianças foram desenhando o seu local de eleição para brincar.

Reunidas todas as informações (mapas de percursos, entrevistas, desenhos) criámos uma "Manta Mágica" onde pudemos analisar em conjunto e partilhar algumas ideias/pensamentos sobre todo o material exposto.

Ao longo destes meses de estágio foram realizadas algumas conversas informais com a educadora da sala, sobre as atividades que iriam surgindo e a oportunidade de realizá-las no espaço exterior, para conseguirmos perceber a visão da educadora quanto a este espaço e dar também a oportunidade (sempre que possível) às crianças de realizarem atividades/brincadeiras no espaço exterior.

3.5.1.Triangulação de dados

Neste estudo combinámos diferentes fontes de informação - entrevistas, fotografias, desenho - (Oliveira-Formosinho, 2008), uma vez que cada fonte poderá revelar-nos aspetos divergentes sobre a realidade, o que nos permitirá assim obter diferentes perspectivas sobre esta realidade.

Neste sentido, durante o processo de recolha de dados, fomos realizando também a triangulação de dados de modo a confrontar as várias informações relevantes para o estudo, a fim de verificar se existiam novos aspetos revelados por uma determinada fonte.

3.6. Apresentação e discussão de dados

Mediante os dados recolhidos com o estudo realizado, aduziremos de seguida uma análise qualitativa sobre estes, no entanto ressalvamos que este tipo de análise apresenta um cariz subjetivo, ou seja, os dados recolhidos poderão sugerir outras interpretações para além das que aqui serão referidas.

Com a categorização de dados e com o confronto das diversas informações que fomos recolhendo ao longo deste estudo, podemos salientar quatro assuntos-

chave, sendo eles: o brincar no exterior; o local preferido para brincar; as condições meteorológicas e as modificações que cada sujeito deste estudo realizaria no espaço exterior.

Através da categorização de dados relativamente às entrevistas realizadas, foi-nos possível compreender que as questões n.º1 e n.º2 da entrevista (ver apêndice VII) e as fotografias que cada uma apresentou - mapa de percursos (ver apêndice IX) -, foram fundamentais para conhecermos melhor as perspetivas de cada criança sobre o espaço exterior. Neste sentido através dos mapas, percebemos que o espaço exterior é um dos mais apelativos para as crianças, sendo a maioria das imagens captadas deste espaço. A figura 1 apresenta um dos mapas realizados por uma das crianças, e é um dos que contém mais referências ao espaço exterior no entanto, nos restantes observamos também vários elementos deste espaço, que confirmam as respostas obtidas através da entrevista.

Figura 1 – Mapa de imagens produzido por uma criança do estudo.

O espaço exterior é entendido, como um local onde podem correr livremente e gritar/falar alto, o que é um aspeto contrário ao espaço interior; podem brincar e jogar jogos de grupo, realizar experiências, cuidar da horta e observar a natureza. Entendemos que este é um dos espaços preferidos das crianças uma vez que aqui

podem brincar livremente, explorar movimentos motores e sobretudo porque aqui podem escolher, é-lhes dado maior poder de decisão sobre onde querem e a que querem brincar (apesar de algumas restrições), o que por vezes não ocorre no interior da sala, sendo por vezes o brincar direcionado pela educadora.

Quanto a estas restrições as mais incomodativas são o facto de não poderem brincar com os vários elementos naturais presentes neste espaço (areia, relva, pedras, pequenos galhos…) e de não haver tanta opção de brinquedos – de plástico e madeira - como há no espaço interior.

Foi colocada a questão à educadora sobre o porquê de as crianças não poderem ir brincar para a relva e com os restantes elementos da natureza. A razão invocada prende-se com questões de segurança e também devido à lama que por vezes se encontra neste espaço, portanto sujidade. Assim sendo, como medida de segurança/proteção as crianças não podem brincar na relva, nem com os restantes elementos naturais.

Através dos desenhos realizados por cada criança tornou-se evidente que o local preferido do espaço exterior era o parque! Um local construído este ano e que dá acesso às crianças a um escorrega, a cordas de escalada e a uma torre. Este foi referido várias vezes ao longo das conversas que fomos tendo com as várias crianças. Este espaço permite momentos de brincadeira diferentes e vários pontos de exploração, como foi referido por algumas crianças ao longo das conversas tidas, neste parque elas podem escalar as cordas, subir e descer as escadas, descer o escorrega, saltar (…), o que promove níveis mais intensos de atividade física para as crianças.

Ferland (2006) indica-nos que estas estruturas oferecem também experiências novas às crianças, sendo que permitem à criança a exploração de novos movimentos e deslocações, permitindo a esta ter um gasto maior de energia de uma forma mais saudável.

Figura 2 – Desenhos das crianças sobre o local preferido

Um dos assuntos que achámos muito pertinente abordar neste estudo, foi as condições meteorológicas, uma vez que, ao longo deste ano de estágio sempre que as condições meteorológicas se apresentavam desfavoráveis para a educadora (chuva/ chuviscar/muito frio…), esta não as deixava ir para o espaço exterior e gostaríamos de saber qual a perspetiva das crianças sobre esta questão. Através das conversas realizadas e dos dados obtidos através das entrevistas (ver apêndice VII), no quadro n.º1 podemos constatar que todas as crianças gostariam de ir para o espaço exterior

em condições ligeiramente mais adversas - isto é com chuva ou frio -, desde que, como foi referido pelas próprias crianças, houvesse cuidados e a segurança necessária.

Quadro n.º 1 - *Pergunta 7:* E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C.- «Sim, brincava aos ladrões e podia molhar a cabeça!»	Brincar Molhar-se
A.- «Só se fosse com um guarda-chuva e botas!» **A.-** «Gostava mas não podia estar a chover muito… Não podemos ficar constipados. Eu já fui brincar para a neve, era tanta e fofinha!» **A**.- «Sim!»	Segurança Equipamento Molhar-se
G. – «Sim! Para ir saltar nas poças de água! E podíamos cantar a música da chuva e brincávamos na rua.»	Saltar nas poças Cantar Brincar no exterior
L.- «Sim! Brincava nas poças de água…»	Saltar nas poças de água Brincar no exterior
M. – «Gostava, mas não podemos…» **M.-** «Ia às escondidas para o meu sítio secreto e depois ia para a rua…E depois brincava com os gatinhos e com os cães.»	Brincar no exterior Animais
T. – «Gostava! Podíamos saltar nas poças de água!»	Brincar no exterior Saltar nas poças de água

Através da questão apresentada (quadro n.º1), as crianças referiram que gostariam de ir para a rua brincar com chuva, e algumas brincadeiras associadas como saltar nas poças e molharem-se e cantarem a canção da chuva. Outras referiram no entanto, que não podia ser com muita chuva para não ficarem doentes. Houve ainda uma referência à necessidade de equipamento apropriado às condições climatéricas. Aqui talvez possamos verificar um pouco de controvérsia no sentido que referem que é necessário haver condições para que possamos ir para o espaço exterior com chuva/vento mas, ao mesmo tempo, uma das coisas que mais gostariam de fazer era molharem-se. Conhecendo as crianças referidas neste estudo sabemos que a maioria destas respostas, muito tem que ver com a personalidade de cada criança (umas mais tímidas do que outras, umas com um espírito mais aventureiro do que outras…), bem como vemos aqui refletido o papel dos pais/familiares/cuidadores/educadores, neste caso específico, no sentido das restrições que por vezes são colocados por estes no quotidiano das crianças, sobre o aspeto da segurança e cuidados a ter, para não correrem o risco de ficarem doentes. Outra perspectiva será a de que, desde que estejam bem protegidas (roupa impermeável) que elas gostariam de brincar com a água, correspondendo assim o molharem-se com o brincar com água.

Com a realização dos mapas através de fotografias, conseguimos perceber alguns dos brinquedos preferidos das crianças e comparando estas mesmas imagens com a questão 8 (quadro n.º 2) das entrevistas realizadas, conseguimos ter uma melhor perceção das modificações que cada criança realizaria no espaço exterior.

Quadro n.º2 - *Pergunta 8:* Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

Respostas das crianças	Categorias
C.- «Podíamos por uma casa lá fora com comida para dar aos animais, comida crua e assim brincávamos.»	Animais

A. – «Nada se não depois fica tudo desarrumado!» **A.**- «Podíamos ter uma garagem ali! E depois fazíamos uma pista de corridas com carros.» **A.**- «Sim e com chão também!»	Garagem Pista de carros
G. – «Gostava que houvesse o espaço dos legos… E que fizéssemos mais vezes desenhos lá fora.»	Legos Desenhos
L.- «Gostava que houvesse legos para brincar…» **L.** – «Sim!»	Legos
M. – «Gostava que tivéssemos baloiços mas não temos… Gostava que tivéssemos… Ai… Gostava que houvesse um trampolim e um insuflável!» **M.** - «Sim! E também gostava de ter gatos, aqui na escola!» **M.** – «Levávamos para casa!»	Baloiços Trampolim Insuflável Animais
T. – «Uma casinha de bonecas!» **T.** – «O que há na casinha da sala, a cozinha, o armário, os bonecos…» **T.** – «E podíamos criar plantas!»	Casinha Horta (manutenção)

As categorias evidenciadas nesta questão foram a introdução de animais no JI, a colocação de brinquedos do espaço interior (legos, elementos da casinha – cozinha/loja… -, artigos de desenho) e um espaço para a manutenção da horta. Com os mapas de fotografias, constatamos que estas categorias correspondem a uma grande parte das fotografias selecionadas pelas crianças. A única categoria que não se encontra no JI são os animais, no entanto, para além do gosto pessoal de cada criança por animais, acreditamos que teve também influência nas respostas

apresentadas, a semana de apresentação de animais de estimação - uma atividade planeada pela educadora com a duração de uma semana. Esta atividade consistia em que todas as crianças levassem (em dia estipulado - realizámos uma calendarização) o seu animal de estimação, a fim de o apresentarem a todo o grupo e passar o dia connosco. Tivemos um pouco de todas as espécies (répteis, aves, peixes,…), facto que motivou todo o grupo e acreditamos que contribuiu positivamente para as respostas deste estudo, uma vez que, alguns dos animais permaneceram na sala durante alguns dias e a maioria das crianças deram-nos um feedback positivo sobre estes momentos de cuidado/ responsabilidade/interação para com os animais.

A maioria das crianças referiu também a inclusão dos brinquedos do interior no espaço exterior, uma vez que não podem levar estes brinquedos para o espaço exterior. Faz sentido, sendo que assim poderão aliar duas situações prazerosas - o brincar no exterior e o brincar com os seus brinquedos preferidos. Entendemos esta resposta também, no sentido, que as crianças não podem brincar com elementos naturais daí sentirem falta de algo para brincar. Acreditamos que, se tivessem acesso a estes elementos naturais, possivelmente já não sentiriam esta necessidade de brincar com os elementos do espaço interior. Percebemos também que a maior parte das brincadeiras sugeridas para o espaço exterior, são de elevado nível de atividade física (baloiços, insufláveis…), o que remete à associação de maior liberdade para as crianças, pois neste espaço elas podem correr, saltar, trepar (…) e até a liberdade de poderem falar alto e gritar, o que já não acontece com tanta facilidade no espaço interior. Comprovamos esta reflexão, com as respostas obtidas na questão n.º2 (quadro n.º3), referente ao que cada criança gosta de fazer no espaço exterior, que as atividades motoras são uma das brincadeiras prediletas das crianças no espaço exterior. Estas atividades motoras, são uma ótima fonte de redução de *stress* e promoção de desenvolvimento e bem-estar para a criança.

Quadro n.º3 - *Pergunta 2:* O que gostas de fazer lá?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C.- «Gosto de ir brincar para o parque, nas redes e saltar.»	Brincar no parque
A. – «Gosto de brincar aqui, mas também gosto de brincar na sala… E de fazer experiências.» **A.** – «Sim! Nós fizemos aqui a areia da Lua.»	Brincar no exterior Brincar no interior Experiências
G. – «De brincar nas casinhas e no parque!»	Brincar nas casinhas Parque
L. – «Gosto de andar no escorrega e de fazer corridas!»	Parque Correr
M. – «Eu gosto de andar no escorrega… Também gosto de subi-lo e de escalar as cordas! » **M.** – «E também gosto de ir lá para baixo e para o redondo brincar.»	Parque Brincar
T. – «Gosto muito de ver o sol e às vezes aparece a lua!»	Tempo

Já através da questão n.4 (quadro n.º4), referente a algo que cada criança gostaria de brincar no espaço exterior mas não pode, temos várias respostas que já seriam expectáveis, como brincar com os diversos elementos da natureza (relva, terra, pedras, galhos…), que estão muito presentes nesta instituição, mas completamente restritos às crianças e a horta da instituição. Aqui os adultos responsáveis, alegam várias justificações por as crianças não poderem brincar com/ nestes elementos do espaço exterior, sendo que a sujidade e o perigo estão sempre presentes nas suas justificações. Por um determinado ponto é compreensível, no sentido que a nossa sociedade está muito focada nestes aspetos, assim que falamos em espaço exterior.

Outra característica apresentada em algumas das respostas aqui mencionadas, é a capacidade de imaginação e criatividade. Como podemos comprovar pelas respostas de algumas crianças, a presença de uma passagem secreta ou até mesmo de uma "casa do esqueleto", estão muito relacionadas com os espaços com árvores e arbustos (aos elementos naturais), todo o espaço exterior é propício ao desenvolvimento da nossa criatividade através da observação e contacto com os diferentes elementos, bem como o desenvolvimento saudável da imaginação. É certo que a maioria de nós na nossa infância, tinha aquela árvore no jardim, que era a casa perfeita tanto para nós como para as nossas personagens imaginárias! Hoje trocamos essa magia da criatividade/imaginação das casinhas da árvore, por casinhas de plástico que em pouco estimulam as crianças.

Quadro n.º4 - *Pergunta 4:* Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C.- «Sim, brincar no monte.» **C.-** «Sim, aquele que tem muita	

sombra e onde estão as árvores.» **C.-** «Sim, até porque tem lá uma casa do esqueleto!» **C.-** «Sim está lá escondida para ninguém ver!» **C.-** «Gostava e depois podia ir à casa do esqueleto.	Brincar na relva
A.- «Gostava de puder brincar na areia e ali em cima!» **A**.- «Sim!» **A**.- «Também gosto da horta!»	Brincar na areia e na relva Horta
G. – «Eu gosto de brincar com os legos e lá não posso…» **G.** – «Nem jogos, nem desenhos…»	Brincar com legos Jogos de mesa Desenhos
L. – «Eu gostava de brincar ali (na relva) mas não posso…» **L.** – «Não…»	Brincar na relva
M.- «Gostava que tivéssemos aqui uma casinha … E uma passagem secreta!» **M.** – «Ia passar por essas passagens secretas! E brincar com as estagiárias!»	Casinha
T. – «Sim eu gostava de ir para as grades e de passear naquela erva.»	

T. – «Pois, mas nós não podemos ir para lá.» **T.** – «Ah, isso sim! Na festa de final de ano podemos ir lá para cima, para essa erva.» **T.** – «Sim foi, eu gostei muito, mas foi só uma vez.»	Brincar na relva

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todos os dados fornecidos pelas crianças e pela observação feita ao longo de todo este exercício de investigação, sabemos que o espaço exterior é um dos espaços preferidos das crianças para brincarem, uma vez que neste espaço, lhes é dada mais liberdade e autonomia. De acordo com o estudo de Burke (2005, citado por Figueiredo, 2015) as crianças evidenciam a sua preferência por espaços onde possam brincar livremente, espaços mais informais, onde possam brincar com os vários elementos da natureza (relva, terra, troncos...) como verificámos nos resultados obtidos, era uma das condicionantes que as crianças tinham, e que pretendiam que esta fosse alterada. Como também referem vários autores citados por Figueiredo (2015), estes elementos não devem estar apenas presentes porque as crianças gostam, mas também porque o "contacto com a natureza parece ser uma necessidade humana" (Woolley, 2008; Woolley & Low, 2013). Observámos também, que através dos dados recolhidos a maioria das criança sente necessidade de ir mais vezes ao exterior, passar mais tempo neste local, que como já verificamos é reduzido. Neste sentido, torna-se cada vez mais importante escutar a criança, de modo a sabermos o que esta gosta e do que necessita para o seu bem-estar.

Como também já referimos e através deste exercício de investigação comprovámos com os dados rescolhidos que o brincar é uma ação conduzida pela criança e é para ela algo prazeroso e relaxante, que não exige um resultado final, e hoje em dia pensamos demasiado nos resultados, para mostrar a todos. É bom registar momentos, mas como também já percebemos através da utilização da Abordagem Mosaico, existem vários meios de registo que podemos utilizar. Os brinquedos eleitos pelas crianças neste estudo foram sobretudo brinquedos para brincar ao faz de conta, como a pista de carros, elementos da casinhas, legos (…), são brincadeiras que não têm de ter necessariamente um resultado final, o resultado será aquilo que a criança quiser e não o que o adulto quer que seja.

No início deste estágio, através da observação realizada nas primeiras semanas, constatamos que as idas ao exterior não eram suficientes, uma vez que as crianças só frequentavam este espaço se as condições climatéricas fossem amenas (sol, clima ameno) e por curtos períodos, sensívelmente meia hora por dia. Temos no entanto que realçar, que sempre que possível as crianças lanchavam de tarde no

exterior. Mas como já foi aqui referido trinta minutos diários não são o suficiente para que as crianças usufruam dos benefícios deste espaço. Deste modo, em conjunto com o meu par pedagógico, decidimos que sempre que possível iríamos realizar atividades no exterior.

Assim surgiu o mini projeto da horta, que tantas vezes é referido pelas crianças. Este projeto envolveu toda a comunidade educativa, todos de um modo ou de outro deram o seu contríbuto. Neste projeto realçamos o envolvimento das famílias, uma vez que foi fundamental para este. Deram grandes contríbutos não só através da partilha de informações e de experiências, como também a nível de ideias, de disponibilização de sementes, árvores e materiais. Foram várias as descobertas e as experiências que realizámos em conjunto, sempre que sugia uma nova germinação ou algo acontecia na horta/sementeiras era motivo de grande entusiamo por todos, não só as crianças como também para nós adultos, uma vez que eram momentos muito gratificantes. Através deste contacto com o exterior, as crianças benefíciaram não só a nível de aprendizagens – aprenderam a semear, a cuidar de uma horta, carcterísticas de algumas plantas, características de algumas sementes, nomeação de alguns animais que são fundamentais para o cuidado da horta e de outros que prejudicam (…) - como também a nível pessoal. Por exemplo, havia crianças que não gostavam de mexer na terra (texturas diferentes), e com este mini projeto conseguiram ultrapassar algumas dessas barreiras; foi também um modo de consciêncializarmos todo o grupo de como surgem os alimentos (as crianças puderam levar para casa um cartuxo cheio de frutos da horta, desde folhas de alface, rabanetes, tomates, ervas aromáticas, cebolinho…- e também realizámos alguns lanches no JI); sobre a reciclagem de materiais; sobre a combostagem; sobre o modo de afastar animais que pudessem prejudcar a horta e modos de como atrair animais que benefíciem a horta… Como suporte à horta, foi criado um espaço na sala com algumas sementeiras, flores/plantas, uma *box* de cogumelos e alguns pormenores da narureza na sala, de modo a "criar uma permeabilidade entre o mundo interior e o exteior" (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 22), pois achamos que a natureza não deva ficar reservada só ao exterior.

Foi um mini projeto muito rico, sem dúvida uma das melhores experiências em contexto de estágio. Para além deste mini projeto, realizámos outras atividades no exterior como atividades do domínio da educação motora e atividades do domínio da educação artística e piqueniques, como também algumas crianças referem nas suas entrevistas. O facto de elas revelarem estes aspetos nas entrevistas só demonstra, no nosso ponto de vista, que foram momentos que as marcaram positivamente, foram atividades que só por mudarmos de espaço ganharam outro briho e por norma as crianças estavam sempre mais tranquilas no exterior do que no interior, considerando a mesma atividade, e isto é algo que também nos leva a refletir sobre o nosso modo de agir, saber escutar as crianças em todos os aspetos.

Com a utilização da abordagem mosaico, compreendemos a importância de saber escutar através dos vários meios com que estas comunicam connosco. Através da utilização dos vários métodos de obtenção de dados que esta abordagem propõe, foi muito positivo perceber como cada criança reage a cada um deles, como podemos observar nos apêndices II a XI (elementos presentes na manta mágica), houve crianças que não se expressaram tão bem através da câmara fotográfica por exemplo, mas através da entrevista/conversações foram mais expressivas e vice-versa. Assim verificamos a vantagem de multimétodo da abordagem de mosaico.

Em conformidade com a pedagogia da participação a criança é o agente primordial da sua aprendizagem e com este estágio, o facto de observar cada criança, estar atenta a estas, olhar de acordo com as suas perspectivas, dar-lhes espaço para que elas possam descobrir e experimentar por si mesmas. Foi tão gratificante, que a cada dia que passava era sempre um dos pontos-chave que nos levava a refletir mais sobre esta pedagogia, pois "os sentimentos de sucesso e de competência que a criança experimenta quando tenta uma nova atividade, são mais importantes a longo prazo do que a inconveniência a curto prazo que possam implicar para os adultos" (Hohmann & Weikart, 1997, p. 82). De acordo com as OCEPE (2016), deverá ser dada a criança a oportunidade de ser escutada, de modo a que possa participar nas decisões sobre o processo educativo. Deste modo a criança sentirá um maior sentimento de pertença na comunidade educativa e confiança em si mesma e nas suas capacidades.

Como futura educadora, creio que será uma pedagogia a levar comigo, uma vez que através dela as crianças apresentam um envolvimento maior nas atividades que realizam (sendo que estão de acordo com os seus interesses), o seu entusiamo pela descoberta e por novas experiências, aleando ao espaço exterior e às suas qualidades, julgo que serão atitudes de sucesso para todas as crianças. No entanto, há sempre que observar primeiramente o grupo de crianças que temos bem como os seus contextos sociofamiliares e ir fazendo a gestão.

Em suma, com o presente trabalho sinto que enriqueci muito profissionalmente, descobri através da implementação desta abordagem um novo olhar sobre o modo de como escutar a criança e dos benefícios que o exterior fornece às crianças e até a nós adultos. Sinto também, que ainda existe um longo percurso quanto à visão sobre o espaço exterior em Portugal, e que ainda tenho muito a descobrir sobre este tema, mas guardarei comigo toda a motivação e felicidade, ao realizar este trabalho investigativo, como motor para futuras pesquisas e atuação na minha prática profissional. Volto a referir, que este trabalho surgiu a fim de redemonstrar/relembrar a todos os adultos, envolvidos no processo de aprendizagem das crianças, que não é necessário ter receio deste espaço, é só preciso ajudar as crianças a conhecerem os seus limites e os seus riscos, e claro as qualidades deste espaço para um crescimento saudável e sobretudo feliz!

REFERÊCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bento, G., & Dias, G. (4 de março de 2017). The Importance of Outdoor Play For Young Children's Healthy Development. (B. J., Ed.) *Porto Biomedical Journal* , 2.

Bento, G., & Portugal, G. (abril de 2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación , 72*, pp. 85-104.

Bilton, H. (2010). *Outdoor Learning in The Early Years.* Oxon, Inglaterra: Routledge .

Blackwell, S. (2015). *The Archimedes Forest Schools Model.* Sheffield, Inglaterra: Archimedes Earth Press.

Christensen, P., & Prout, A. (1 de novembro de 2002). Working With Ethical Symmetry in Social Research With Children. *Sage Journals , 9 (4): 477-497,* pp. 480-481.

Clark, A. (2007). *Early Childhood Spaces: Involving Young Children and Practitioners in the Design Process.* The Hague, Holanda: Bernard van Leer Foundation.

Clark, A., & Moss, P. (2011). *Listening to Young Children - The Mosaic Approach* (2.ª ed.). Londres, Inglaterra: NCB.

Clark, A., & Moss, P. (2005). *Spaces To Play - More Listening to Young Children Using the Mosaic Approach.* Londres, Inglaterra: National Children's Bureau.

Clark, A., Kjorholt, A. T., & Moss, P. (2005). Ways of Seeing: Using the Mosaic Approach to Listen to Young Children's Perspectives. In A. Clark, *Beyond listening: Children's perspectives on early childhood services* (pp. 29-49). Bristol: Policy Press at the University of Bristol.

Coelho, A., Vale, V., Bigotte, E., Figueiredo, A., Duque, I., & Pinho, L. (2015). Oferta educativa outdoor como complemento da Educação Pré-Escolar: Os

benefícios do contacto com a natureza. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación , 10*, pp. 111-115.

Cordeiro, M. (2010). Brincar ao Ar Livre. In M. Cordeiro, *O Livro da Criança - Do 1 aos 5 anos* (5.ª ed., p. 347). Lisboa, Portugal: A Esfera dos Livros.

Ferland, F. (2006). *Vamos Brincar? Na infância e ao Longo da Vida* (1.ª ed.). (R. Rocha, Trad.) Lisboa, Portugal: Climepsi Editores.

Fevereiro, L.-Q. 4. (s.d.). Diário da República n.º 34/97. *I série A*. Lisboa: Ministério da Educação.

Figueiredo, A. (2015). *Interação Criança-Espaço Exterior em Jardim de Infância.* Universidade de Aveiro, Educação. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Fjørtoft, I. (2004). Development, Landscape as Playscape: The Effects of Natural Environments on Children's Play and Motor. *Children, Youth and Environments* , 21-44.

Hanscom, A. (6 de maio de 2015). *THE UNSAFE CHILD: Less Outdoor Play is Causing More Harm than Good*. Obtido em 20 de março de 2017, de Children & Nature Network : http://www.childrenandnature.org/2015/05/06/the-unsafe-child-less-outdoor-play-is-causing-more-harm-than-good/

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança.* (H. Marujo, & L. Neto, Trads.) Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kishimoto, T. M. (2010). Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. *I Seminário Nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais* (pp. 1-20). Belo Horizonte: Ministério da Educação.

Kishimoto, T. M. (1998). *O Brincar e suas Teorias.* São Paulo, Brasil: Cengage Learning.

Kishimoto, T. M. (1994). O Jogo e a Educação Infantil. (U. F.-C. (UFSC/CED, Ed.) *Perspectiva n.º22* , pp. 105-128.

L. I. (2017). *Limites Invisíveis - Finalidades*. Obtido em 29 de maio de 2017, de Limites Invisíveis: http://limitesinvisiveis.pt/finalidades/

Landscapes, L. T. (2014). *Play Out - How To Develop Your Outside Space For Learning And Play.* Oxon, Inglaterra: Routledge.

Moura, T. B., Viana, F. T., & Loyola, V. D. (2013). Uma Análise de Concepções Sobre a Criança e a Inserção da Infância no Consumismo. *PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO , 33,* pp. 474-489.

Muñoz, S. (2009). *Children in the Outdoors.* Horizon Scotland : Sustainable Development Research Center.

Neto, C. (2001). *A criança e o Jogo: Perspectivas de Investigação.* Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa.

Neto, C. (2007). *Jogo na Criança e Desenvolvimento Psicomotor.* Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa.

Neto, C., & Malho, M. J. (2005). *Espaço Urbano e a Independencia de Mobilidade na Infância.* Lisboa: Boletim do Instituto de Apoio à Criança (IAC).

Oliveira, S. (10 de outubro de 2015). *É preciso perceber a que brincam as crianças e se estão felizes*. Obtido em 15 de agosto de 2017, de Educare.pt: http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=79403

Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A Escola Vista Pelas Crianças.* Porto, Portugal: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade.* Porto, Portugal: Porto Editora.

Parsons, A. (2011). *Young Children and Nature: Outdoor Play and Development, Experiences Fostering Environmental Consciousness, and the Implications on Playground Design.* Blacksburg, Virginia: Virginia Polytechnic Institute and State University .

Pound, L. (2014). *How Children Learn | Education Theories and Approach - From Comenis the Father of Modern Education to Giants such as Piaget, Vygotsky and Malaguzzi.* Herne Hill, Londres: Pratical Pre-School Books.

Rolim, A., Guerra, S., & Tassigny, M. (Julho-Dsezembro de 2008). A Leitura de Vygotsky Sobre o Brincar na Aprendizagem e no Desenvolvimento Infantil. *Resvista Humanidades , 23*, pp. 176-180.

Rosa, A. R. (2013). *A Importância de Brincar no Exterior: Análise dos Níveis de Envolvimento de Crianças em Idade Pre-Escolar.* Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra.

Sá, A. (2016). *Espaço Exterior Como Promotor de Aprendizagens: Brincar e Aprender.* Braga: Universidade do Minho Instituto de Educação.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* (M. d.-G. (DGE), Ed.) Lisboa, Portugal.

Tremblay, M., Gray, C., Babcock, S., Barnes, J., Bradstreet, C., Carr, D., et al. (8 de junho de 2015). Position Statement on Ative Outdoor Play. *International Journal of Environmental Research and Public Health* .

UNICEF. (1989). *Convenção Sobre os Direitos das Crianças.* Nova York : UN ICEF.

UNICEF. (1959). *Declaração dos Direitos das Crianças.* Direito das Crianças. Organização das Nações Unidas.

Vasconcelos, T. (2009). *A Educação de Infância no Cruzamento de Fronteiras.* Lisboa, Portugal: Educação Hoje - Texto Editora.

Wetton, P. (2004). Capítulo 6 - Desenvolvimento Físico na Educação de Infância. In I. Siraj-Blatchford, *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância* (P. Almeida, Trad., 1.ª ed.). Lisboa , Portugal: Educação hoje .

Legislação

Lei-Quadro n.º4/97 de 10 de Fevereiro, *Diário da República n.º34/97* – I Série A. Lisboa: Ministério da Educação.

ANEXOS

Anexo I – Consentimento Informado

Pedido de Consentimento Informado

Adriana Mateus Ferreira Santos, aluna do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra, venho solicitar a sua autorização para a participação do/a seu/sua educando/a num estudo para auscultar as perspectivas das crianças sobre o espaço exterior e consequentemente para a recolha de registos escritos, áudio, vídeo e fotográfico do/a seu/sua educando/a.

Para este estudo a estratégia utilizada será a "Abordagem Mosaico" que tem como principal prioridade "dar voz" às crianças, de modo a compreender as suas perspetivas relativamente ao espaço exterior do jardim de infância.

Saliento que será garantida a confidencialidade de todos os dados recolhidos ao longo deste estudo, bem como o anonimato do/a seu/sua educando/a após a divulgação dos resultados do estudo. A participação será voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento, assim que a criança manifestar essa vontade.

Qualquer esclarecimento que seja necessário poderá contactar-me ou à educadora cooperante Célia Serra.

Desde já agradeço a sua colaboração!

Contactos (Adriana Santos): 910 748 546 | adriana_mfs@hotmail.com

A aluna de Mestrado em Educação Pré-Escolar

Adriana Santos

Coimbra, 2 de junho de 2016

Eu, _____ (nome do/a encarregado/a de educação) ☐ autorizo ☐ não autorizo (**assinalar com X**) o/a meu/minha educando/a _____ a participar no estudo proposto, e a consequente recolha de registos escritos e audiovisuais.

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação

_____

APÊNDICES

Apêndice I – Transcrição da entrevista com a criança "C"

1- Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?

C.- Sim, porque gosto de brincar lá fora.

2- O que gostas de fazer lá?

C.- Gosto de ir brincar para o parque, nas redes e saltar.

3- Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?

C.- O parque.

4- Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes? (Continuar a resposta que a criança der…Porquê…O que se poderia fazer….)

C.- Sim, brincar no monte.

E.- Brincar no monte onde tem aquela relva?

C.- Sim, aquele que tem muita sombra e onde estão as árvores.

E.- Pois, gostavas de brincar aí, mas não podem não é?

C.- Sim, até porque tem lá uma casa do esqueleto!

E.- Uma casa do esqueleto?

C.- Sim está lá escondida para ninguém ver!

E.- E gostavas de ir para lá brincar para a terra?

C.- Gostava e depois podia ir à casa do esqueleto.

5- Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?

C. –Brincar… lá fora.

E.- Então e porquê?

C.- Porque lá tenho mais coisas.

E.- Podes brincar mais à vontade?

C.- Sim.

6- Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?

C.- Sim, posso correr na rua…

7- E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?

C.- Sim, brincava aos ladrões e podia molhar a cabeça!

.

8- Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

C.- Podíamos por uma casa lá fora com comida para dar aos animais, comida crua e assim brincávamos.

9- Achas que devias vir mais vezes para o exterior?

C.- Sim, mas já brincamos lá fora…

E. – Mas gostavas de brincar mais vezes?

C. – Sim!

Apêndice II – Transcrição da entrevista com a criança "A"

1- Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?

A. – Sim, gosto de estar lá fora! Pudemos jogar ao jogo do lencinho!

2- O que gostas de fazer lá?

A. – Gosto de brincar aqui, mas também gosto de brincar na sala… E de fazer experiências.

E. – Aqui fora na rua?

A. – Sim! Nós fizemos aqui a areia da Lua.

E. – Pois foi!

3- Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?

A.- É em todo o lado!

E. –Em todo o lado!?

A. – Até no redondo, até dentro da escola!

E. – Que máximo! Então gostas mesmo deste jardim?!

A.- Sim!

4- Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes? (Continuar a resposta que a criança der…Porquê…O que se poderia fazer….)

E.- Ou algum sitio…?

A.- Gostava de poder brincar na areia e ali em cima!

E. – Ah na relva?

A.- Sim!

A.- Também gosto da horta!

5- Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?

A.- Nos dois!

6- Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?

A. - Na sala posso fazer trabalhos e puzzles difíceis. Na rua eu posso correr e falar alto, na sala temos que falar baixinho.

7- E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?

A.- Só se fosse com um guarda-chuva e botas!

E. – Sim íamos com segurança, bem equipados, gostavas de ir?

A.- Gostava mas não podia estar a chover muito… Não podemos ficar constipados. Eu já fui brincar para a neve, era tanta e fofinha!

E. – E gostaste de brincar na neve?

A.- Sim!

8- Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

A. – Nada se não depois fica tudo desarrumado!

E. – Então e se houvesse um espaço para arrumarmos aqui fora?

A.- Podíamos ter uma garagem ali! E depois fazíamos uma pista de corridas com carros.

E.- Boa ideia! Na areia?

A.- Sim e com chão também!

9- Achas que devias vir mais vezes para o exterior?

A.- Sim! Eu adorei quando viemos fazer coisas cá para fora!

E. – Gostavas de fazer mais vezes a expressão físico motora/desenhos/atividades cá fora?

A.- Adorava! Mas temos que ter cuidado, com muito sol se não queima-nos!

E. – Então mas nós também temos espaços com sombra aqui…

A.- Sim temos, mas não podemos ir pró pé das árvores….

Apêndice III – Transcrição da entrevista com a criança "G"

1- Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?

G. – Sim, porque posso correr e brincar.

2- O que gostas de fazer lá?

G. – De brincar nas casinhas e no parque!

3- Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?

G. – O parque, as casinhas e o redondo!

4- Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes? (Continuar a resposta que a criança der…Porquê…O que se poderia fazer….)

G. – Eu gosto de brincar com os legos e lá não posso…

E. – É verdade não temos isso lá fora…

G. – Nem jogos, nem desenhos…

5- Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?

G. – Na sala!

E. – Então e porquê?

G.- Porque na sala eu tenho brinquedos e na rua não

6- Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?

G. - Na rua porque posso correr e gritar e pudemos jogar ao lencinho.

7- E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?

G. – Sim! Para ir saltar nas poças de água! E podíamos cantar a música da chuva e brincávamos na rua.

8- Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

G. – Gostava que houvesse o espaço dos legos… E que fizéssemos mais vezes desenhos lá fora.

9- Achas que devias vir mais vezes para o exterior?

G. – Não.

E. – Então as vezes que vocês vão à rua já chega? É suficiente?

G.- Sim é!

Apêndice IV – Transcrição da entrevista com a criança "L"

1- **Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?**

L.- Sim, porque aqui posso correr!

2- **O que gostas de fazer lá?**

L. – Gosto de andar no escorrega e de fazer corridas!

3- **Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?**

L.- O parque!

4- **Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes? (Continuar a resposta que a criança der…Porquê…O que se poderia fazer….)**

L. – Eu gostava de brincar ali (na relva) mas não posso…

E. – Não nos deixam pois não?

L. – Não…

5- **Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?**

L.- É claro que é na rua!

E.- Então e porquê?

L.-Então porque está sol.

6- **Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?**

L. – Sim, lá dentro posso brincar com os legos… Aqui não. Na rua eu corro…

7- **E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?**

L.- Sim! Brincava nas poças de água…

8- Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

L.- Gostava que houvesse legos para brincar…

E. – Montávamos aqui um espaço para vocês brincarem à vontade com os legos?

L. – Sim.

9- Achas que devias vir mais vezes para o exterior?

L.- Sim! Eu gostei muito de pintar cá fora o foguetão?

E.- Achas que podíamos fazer mais atividades cá fora?

L.- Sim!

Apêndice V – Transcrição da entrevista com a criança "M"

1- Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?

M. - Sim! O quê cá fora?!

E. – Sim.

M. – Porque posso correr, posso ver a horta… E posso ir para o parque!

2- O que gostas de fazer lá?

M. – Eu gosto de andar no escorrega… Também gosto de subi-lo e de escalar as cordas!

E. – Boa, muito bem!

M. – E também gosto de ir lá para baixo e para o redondo brincar.

3- Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?

M. – O parque e a horta!

4- Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes? (Continuar a resposta que a criança der…Porquê…O que se poderia fazer….)

M.- Gostava que tivéssemos aqui uma casinha … E uma passagem secreta!

E. – Uma passagem secreta para nos levar até essa casinha! E o que fazias nessa casinha?

M. – Ia passar por essas passagens secretas! E brincar com as estagiárias!

E. – Ah que querida! Obrigada por me convidares para brincar contigo!

5- Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?

M. - Na sala e cá fora!

E. – Gostas de brincar nos dois sítios então?

M. – Sim!

6- Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?

M. – Eu gosto de estar cá fora porque está solinho e porque também há o escorrega! Lá dentro eu gosto de fazer desenhos e gosto muito de trabalhar. Mas não há escorregas na sala…E na rua não há casinhas com bonecos, nem jogos…Podemos gritar lá fora…

7- E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?

M. – Gostava, mas não podemos…

E.- E se pudesses o que é que fazias?

M.- Ia às escondidas para o meu sítio secreto e depois ia para a rua…E depois brincava com os gatinhos e com os cães.

8- Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

M. – Gostava que tivéssemos baloiços mas não temos… Gostava que tivéssemos… Ai… Gostava que houvesse um trampolim e um insuflável!

E. – Ui! Ia ser um jardim muito animado não ia?

M. - Sim! E também gostava de ter gatos, aqui na escola!

E. – Que ideia gira! Mas depois como é que fazíamos no fim de semana?

M. – Levávamos para casa!

9- Achas que devias vir mais vezes para o exterior?

M. – Sim! Também gostava de dormir na escola e de escovar os dentes e de comer na escola um lanche muito bom!

Apêndice VI – Transcrição da entrevista com a criança "T"

1- Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?

T. – Sim, porque gosto muito de olhar para a paisagem.

E. – Ah muito bem, aqui tem paisagens bonitas não tem?

T. – Sim, eu gosto muito daquela.

2- O que gostas de fazer lá?

T. – Gosto muito de ver o sol e às vezes aparece a lua!

3- Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?

T. – Em todo o lado!

4- Há alguma coisa a que gostasses de brincar no exterior e não podes? (Continuar a resposta que a criança der…Porquê…O que se poderia fazer….)

T. – Sim eu gostava de ir para as grades e de passear naquela erva.

E,- Então mas nós também temos aqui erva…

T. –Pois, mas nós não podemos ir para lá.

E. – Então vamos imaginar que vocês podiam… Gostavas?

T. – Ah, isso sim! Na festa de final de ano podemos ir lá para cima, para essa erva.

E. – E foi divertido?

T. – Sim foi, eu gostei muito, mas foi só uma vez.

5- Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?

T. – Gosto de brincar aqui fora!

6- Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?

T. -Sim, aqui posso fazer corridas e jogar jogos, na sala não podemos jogar às escondidas, nem à apanhada…

7- E quando chove, gostavas de ir para o exterior? E o que fazias?

T. – Gostava! Podíamos saltar nas poças de água!

8- Se pudéssemos modificar o exterior o que gostarias de pôr?

T. – Uma casinha de bonecas!

E. – E o que é que havia nessa casinha?

T. – O que há na casinha da sala, a cozinha, o armário, os bonecos…

T. – E podíamos criar plantas!

E. – Pois, eu bem vi que nas tuas fotografias havia lá a nossa horta!

9- Achas que devias vir mais vezes para o exterior?

T. – Sim! Tu sabias que quando fizemos o foguetão eu estive aqui (no espaço exterior) a pintar?

E. – Sabia, estive aqui contigo! Gostaste quando fizemos aqui na rua a expressão físico motora e os desenhos?

T. – Gostei muito!

T. – Agora podíamos fazer também uma nave espacial!

Apêndice VII – Categorização dos dados obtidos nas entrevistas

Quadro n.º5 - *Pergunta 1:* Reparei pelas tuas fotografias que um dos teus sítios preferidos é o exterior. Porquê?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C.- «Sim, porque gosto de brincar lá fora.»	Brincar no exterior
A. – «Sim, gosto de estar lá fora! Podemos jogar ao jogo do lencinho!»	Brincar no exterior Jogar jogos
G. – «Sim, porque posso correr e brincar.»	Brincar no exterior Correr
L.- «Sim, porque aqui posso correr!»	Brincar no exterior Correr
M. - «Sim! O quê cá fora?!» **M.-** «Porque posso correr, posso ver a horta… E posso ir para o parque!»	Brincar no exterior Correr Horta Parque
T. – «Sim, porque gosto muito de olhar	Brincar no exterior

para a paisagem.» **T.** – «Sim, eu gosto muito daquela.»	Paisagem

Quadro n.º6 - *Pergunta 3:* Qual é o teu sítio preferido (do espaço exterior)?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C.- «O parque.»	Parque
A.- «É em todo o lado!» **A.** – «Até no redondo, até dentro da escola!» **A.-** «Sim!»	Brincar em todos os espaços
G. – «O parque, as casinhas e o redondo!»	Parque Brincar nas casinhas
L.- «O parque!»	Parque
M. – «O parque e a horta!»	Parque Horta
T. – «Em todo o lado!»	Brincar em todos os espaços

Questão n.º7- *Pergunta 5:* Gostas mais de brincar no exterior ou na sala? Porquê?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C. – «Brincar… lá fora.» **C.-** «Porque tenho lá mais coisas.» **C.-** «Sim.»	Brincar no exterior Brincar mais livremente
A.- «Nos dois!»	Brincar no exterior Brincar no interior
G. – «Na sala!» **G. -** «Porque na sala eu tenho brinquedos e na rua não.»	Brincar no interior Mais brinquedos
L.- «É claro que é na rua!» **L.-** «Então porque está sol.»	Brincar no exterior
M. - «Na sala e cá fora!» **M.** – «Sim!»	Brincar no exterior Brincar no interior
T. – «Gosto de brincar aqui fora!»	Brincar no exterior

Quadro n.º8 - *Pergunta 6:* Fazes brincadeiras diferentes das que fazes na sala? Quais?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C.- «Sim, posso correr na rua…»	Correr
A. - «Na sala eu posso fazer trabalhos e puzzles difíceis. Na rua eu posso correr e falar alto, na sala temos que falar baixinho.»	Brincar no interior: Trabalhos e puzzles Falar baixo Brincar no exterior: Correr Falar alto
G. - «Na rua porque posso correr e gritar e pudemos jogar ao lencinho.»	Correr Falar alto Jogar jogos
L. – Sim, lá dentro posso brincar com os legos… Aqui não. Na rua eu corro…	Brincar no interior: Legos Brincar no exterior: Correr
M. – «Eu gosto de estar cá fora porque está solinho e porque também há o escorrega! Lá dentro eu gosto de fazer desenhos e gosto muito de trabalhar. Mas não há escorregas na sala…E na rua não há casinhas com bonecos, nem	Brincar no exterior: Tempo Parque Gritar Brincar no interior: Desenhos Trabalhar Brinquedos

jogos…Podemos gritar lá fora…»	
T. - «Sim, aqui posso fazer corridas e jogar jogos, na sala não podemos jogar às escondidas, nem à apanhada…»	Brincar no exterior: Correr Jogos

Quadro n.º9 - *Pergunta 9:* Achas que devias vir mais vezes para o exterior?	
Respostas das crianças	**Categorias**
C.- «Sim, mas já brincamos lá fora…» **C.** – «Sim!»	Brincar mais vezes no exterior
A.- «Sim! Eu adorei quando viemos fazer coisas cá para fora!» **A.-** «Adorava! Mas temos que ter cuidado, com muito sol se não queima-nos!» **A.-** «Sim temos, mas não pudemos ir pró pé das árvores….»	Brincar mais vezes no exterior Segurança
G. – «Não.» **G.-** «Sim é!»	Já brincam o suficiente no espaço exterior
L.- Sim! Eu gostei muito de pintar cá fora o foguetão! **L.-** Sim!	Brincar mais vezes no exterior
M. – «Sim! Também gostava de dormir na escola e de escovar os dentes e de comer na escola um lanche muito bom!»	Brincar mais vezes no exterior

T. – «Sim! Tu sabias que quando fizemos o foguetão eu estive aqui a pintar?» **T.** – «Gostei muito!» **T.** – «Agora podíamos fazer também uma nave espacial!»	Brincar mais vezes no espaço exterior

Apêndice VIII – Mapas de Percursos "Onde mais gosto de brincar no JI?"

Figura 3 – Mapa de Percurso "C." – "Onde mais gosto de brincar no JI?"

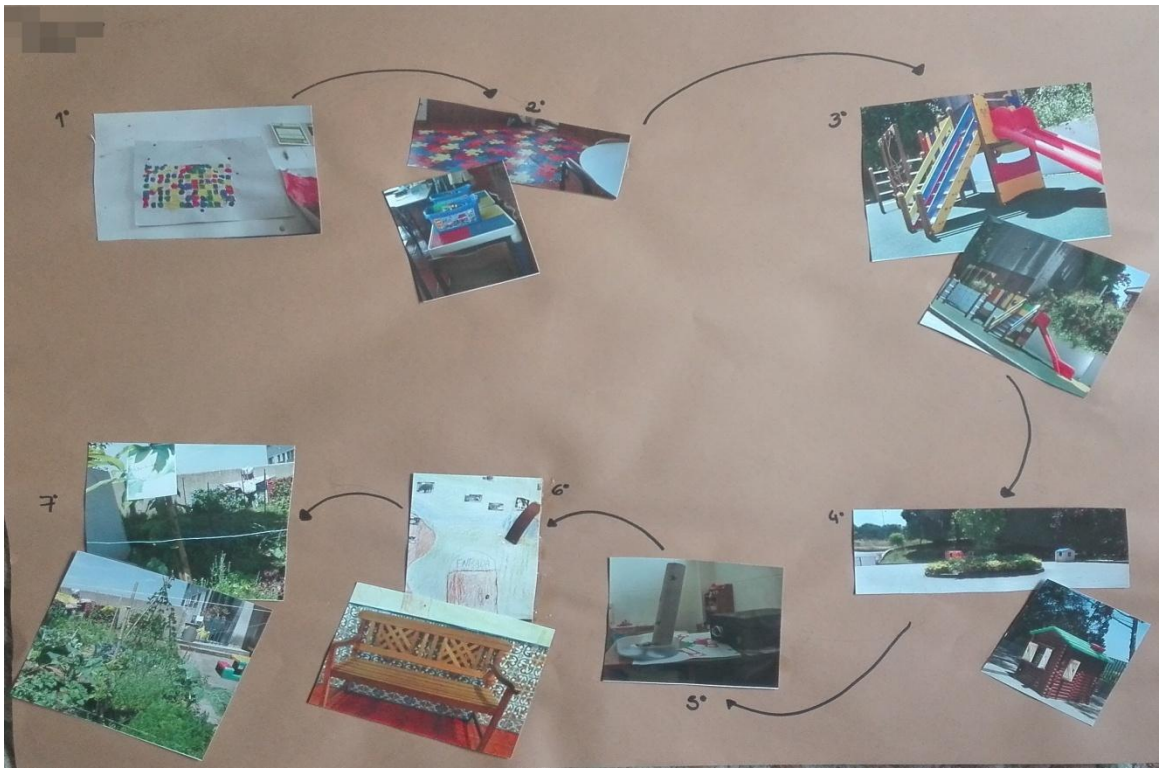

Figura 4 – Mapa do Percurso "A." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 5 – Mapa do Percurso "L." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 6 – Mapa do Percurso "T." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 7 – Mapa do Percurso "M." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Figura 8 – Mapa do Percurso "G." – " Onde mais gosto de brincar de brincar no JI?"

Apêndice IX – Registos Fotográficos

Figura 9 – Mapas de Percursos crianças "M." e "G."

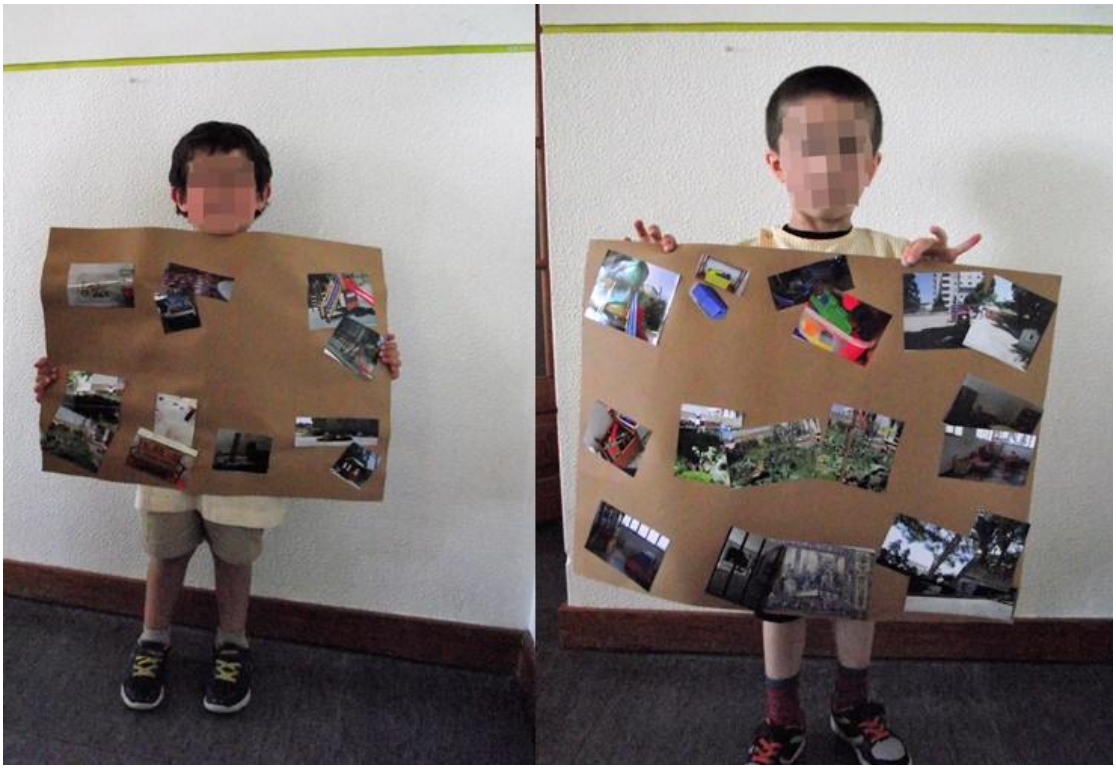

Figura 10 – Mapas de Percursos crianças "A." e "T."

Figura 11 – Mapas de Percursos crianças "L." e "C."

Figura 12 – Realização do mapa de percursos "G."